

Os caminhos do amor

Segundo a psicanálise, é ético se referir à singularidade do ato de amor. No entanto, uma consideração tão subjetivada, tão particularizada do ato de amor me afastaria de uma tripla tarefa, que é refletir sobre 1) *as dimensões do amor e, por conseguinte, da dor*, 2) sua ilustração nos gêneros literários e 3) a maneira como se chega então a um discurso clinicamente chamado de *patológico*.

Se nos adentramos um pouco na etimologia, vemos que a patologia é o *logos* – discurso – sobre o *páthos* – o que se padece, sente, experimenta –, e com isso já não estamos assim tão distantes do tema do amor. Inclusive, a palavra *paciente* deriva da mesma raiz, e sabemos das diferenças entre sua posição subjetiva e a daquele que mais recentemente Lacan designou como analisante.

Acredito que o amor pode ser pensado em várias dimensões, relacionadas de maneira complexa com temáticas da psicanálise, o que permitirá que eu me aprofunde em muitas questões clínicas daqui em diante. Desse modo, vou articular distintas dimensões do amor e seus correlatos dolorosos naquele que as padece – dimensões do amor-dor exemplificadas, por sua vez, em diferentes gêneros da literatura, até mesmo da filosofia.

A. O amor-poema

A primeira forma de amor se apresenta quando o *outro* – em geral, a mulher idealizada, mas não exclusivamente – se torna uma abstração, quando é o mero suporte de um discurso que se desenvolve somente sobre suas próprias letras, boias literárias voltadas à persuasão, ao êxtase ou à sugestão. Trata-se, então, de *amar a ausência*.

Esse discurso fará referência a uma mulher esquiva, fugidia – aquela que encontramos em tantos relatos, folhetins e canções, e muito especialmente nas produções poéticas do amor cortês –, ou mencionará um homem distante, preso, atado talvez pelo matrimônio – que tantos teletextos e fotonovelas evocam.

Do primeiro tipo, alguns breves exemplos de diversos trovadores:

Meu coração não para de desejar
aquela a quem eu mais amo;
penso que a vontade me engana
se a luxúria a afasta de mim;
é mais lancinante que espinha
a dor que com prazer cura;
e não quero a compaixão de ninguém.
(Anvar, 1981, p. 18)

Amor, muito me fazeis sofrer;
eu vos sirvo sem engano,

* Médico, psicanalista.

isso mantém minha ilusão:
pois o Amor fere e cura. (p. 18)

Eu pensava ser feliz sempre
ao contemplar minha querida senhora,
da qual recebo, juntos, prazer e dor.
Estou doente, meu coração está ferido. (p. 20)

Senhora, isto me fizeram
meus olhos e tua boca vermelha.
Senhora, considera minha dor,
antes que eu perca a vida. (p. 22)

Do segundo tipo, dois fragmentos d'O Cântico dos Cânticos bíblico (3,1-2 e 5,6) na voz de Sulamita:

Em meu leito, pela noite,
procurei o amado da minha alma.
Procurei-o e não o encontrei.
Vou levantar-me,
vou rondar pela cidade,
pelas ruas, pela praça,
procurando o amado da minha alma...
Procurei-o e não o encontrei!...

Abro ao meu amado,
mas o meu amado se foi...
Procuo-o e não o encontro.
Chamo-o e não me responde...¹

Falamos, então, de produções em que sempre se tratará, de um modo ou de outro, mais dos *rastros do amor* do que da densidade das rebentações dos corpos dos amantes.

Na poesia de incontáveis *poemas*, ou seja, nos frutos do gênero lírico, há um experimento fundamental e muito específico com a letra do amor. Aliás, não apenas neles, mas também no fecundo gênero epistolar das *cartas de amor*, assim como nas efusões amorosas da *música* – tangos e boleros, feitos para comover.

Sempre nos deparamos com uma dialética do enamoramento, o qual não implica em si a questão do narcisismo, nem a banalidade de sua redução a uma forma de loucura denominada normal. A escrita não condenada aos papéis encontra no amor a falar, a ver-sejar – ainda que exclusiva e limitadamente com os olhos –, espaços distintos onde se instalar.

É necessário empreender uma diferenciação daquilo que, com apenas um pouco mais de rigor, eu chamaria de subtipos do amor-poema: amores líricos, cortesãos, românticos e mesmo melodramáticos.

1. N. do T.: tradução de I. Storniolo. A tradução da citação está nas pp. 1188-1189 e 1193 de: *A Bíblia de Jerusalém*. (1985). Paulinas.

1) A literatura constrói, em sua forma lírica mais pura, a ausência do outro como languidez, como *nostalgia* explícita ou implícita, como suave melancolia dos crepúsculos da memória, e isso ainda que ela própria sobrevoe o regozijo do encontro recordado, evocado entre suspiros. Trata-se apenas dos rastros da alegria sobre um mar de infelicidades cotidianas ou triviais.

2) A poesia cortesã, segundo Lacan, faria uma experiência de *sublimação* no próprio horizonte de uma idealização, com a mulher elevando-se, de maneira inédita, durante o século XIII, à estatura de uma entelêquia cruel. Impiedosa com seu vassalo, apenas a última mercê concedida, a alegria do Amor, deixará algum gozo como prêmio terminal para o amante consumido.

3) A literatura romântica tem obsessão pelo duplo narcisista, uma preocupação doentia pelo reflexo, pela sombra, pelo amor perdido e por seus efeitos maléficis. São homens que escrevem porque se perderam, porque *estão* perdidos. Perseguem eternamente uma duplicidade que não se acha em lugar nenhum, com a qual contam para assegurar o próprio ser. O romântico é um angustiado, um desconfiado de si mesmo e de sua possibilidade de amar, à qual, no entanto, sem esperanças, não renuncia, e nela se consome. Seu leitor testemunha, confirma, assegura seu ser. Por isso a temática da morte subjaz a todo o romantismo.

4) O melodrama, alheio a heróis e vilões, se destaca por sua ideia pessimista de que este mundo é o reino dos desejos egoístas – a felicidade de um, o algoz, é a desgraça do rival amoroso, ou seja, a vítima, sempre cega diante do que a determina –, por seu *páthos* melancólico e sua contemplação mórbida do sofrimento, por sua falta de pudor diante do patético e do ridículo dos outros.

Seja como for, a ausência evoca inequivocamente uma camada implacável da realidade que se reveste – de maneira mal disfarçada – de corpos sempre fugitivos, viajantes pelas estradas da dor do amor. Mostram isso, de modo muito especial, os poemas que representam o cerne das vicissitudes edípicas em ambos os sexos, seja com a crueza da evocação do centro desconhecido – amado, angustiante, fetichizado – do corpo feminino, seja com a suave erotomania, típica dos anseios femininos, que aproxima o amor dirigido ao homem idealizado dos arroubos do delírio erotomaniaco.

O corpo da letra ressoa fortemente e excita as pupilas da pulsão muito mais que a biologia ou uma suposta ciência do erotismo. É nessa *dor* que encontramos os avatares pelos quais as patologias – desde a Grécia clássica e sua homofilia fundamental, passando pelos últimos 900 anos, consagrados àquela poesia que exalta a mulher como objeto essencial desse sofrimento e dessa angústia – confrontam a psicanálise com a disjuntiva de considerar seu gozo inerente: ora algo interpretável, ora uma economia fulminante – e intocável –, em que o falante pretende encontrar a chave esquiava de seu destino.

B. O amor-projeto

As tormentas, cedo ou tarde, chegam ao fim. E aparece outra dimensão do amor, mais redutível ao especular. Os textos psicanalíticos que descrevem seus avatares são abundantes, razão pela qual não vou me estender demais em sua teorização. Essa dimensão vai desde a amizade até o contrato, desde o matrimônio até o simples encontro para conhecer-se, desde os negócios ilícitos até os acordos publicitários, desde a disputa narcisista para ver quem passa primeiro num corredor até a delicadeza cruel das formas diplomáticas com que se desenvolveria a guerra mais ensurdecadora.

Ela encontra no falar-se de uns aos outros, operação simbólica por excelência, seu fundamento e sustentação possível. Trata-se de uma tentativa de diálogo: tipo de contrato que sela o pertencimento mútuo dos signatários.

O que busca essencialmente um projeto? Deseja os ideais comuns, as ilusões compartilhadas, aquilo que amistosamente reúne e religa, o que produz uma religião do associar-se, do confundir-se, do juntar-se, do dirigir-se para certos fins coletivos ou individuais – se é que existem, pois todos os ideais estão simbolicamente sobredeterminados. E é o que encontra consumação nas diversas formas de *identificação*.

São o par romântico, os filhos, a casa. É a sociedade – com minúsculas ou maiúsculas – em que nos associamos com um bem comum. São os apoios que oferecem, a partir da civilização, os códigos civis e penais, os registros matrimoniais, os contratos de compra e venda e as escrituras que determinam o usufruto do que se possui. São, com base no discurso religioso, os diversos sacramentos – batismo, comunhão, casamento, extrema-unção etc. – com os quais cada sujeito consola ou exorciza seu terror à finitude.

São a cobiça, a honra e o orgulho épico emanados pelos que sitiam Troia, conduzidos pelo poderoso Agamêmnon, no canto 2 da *Iliada* de Homero (c. século VIII a.C./2005, vv. 394-401 e 432-458). Depois de um discurso motivador, prévio ao combate, o poeta cego apresenta a massa de gregos unida com vistas à almejada conquista:

Assim falou; e os Argivos gritaram alto como a onda
contra o elevado promontório, quando o Noto sobrevento
a atira contra um rochedo saliente de que nunca se afastam
as ondas de todos os ventos, quando surgem deste lado e daquele.
Levantaram-se para se dispersar depressa por entre as naus.
Depois fizeram fogo nas tendas e tomaram a refeição.
E cada um sacrificava a um dos deuses que são para sempre,
rezando para escapar à morte e à labutação da refrega.² (p. 32)

Depois de saciar o apetite, Nestor, ancião condutor de carros, diz:

“Glorioso Atrida, Agamêmnon soberano dos homens!
Não permaneçamos agora reunidos, nem por mais tempo
adiemos a obra que o deus nos põe nas mãos.
Mas que agora os arautos dos Aqueus vestidos de bronze
chamem ao longo das naus para que o povo se reúna;
pela nossa parte, percorramos juntos o vasto exército
dos Aqueus, para mais depressa suscitarmos o combate afiado.”
Falou; e não lhe desobedeceu Agamêmnon soberano dos homens.
Logo ordenou aos arautos de voz penetrante
que chamassem para a guerra os Aqueus de longos cabelos.
Aqueles chamaram; e reuniram-se estes com grande rapidez.

2. N. do T.: tradução de F. Lourenço. A tradução da citação está na p. 145 de: Homero. (2013). *Iliada*. Penguin-Companhia das Letras. (Trabalho original publicado c. século VIII a.C.)

De roda do Atrida os reis criados por Zeus apressavam-se na organização do exército; e com eles ia Atena de olhos esverdeados, segurando a égide – veneranda, imarcescível, imortal, de que pendiam cem borlas inteiramente feitas de ouro, todas bem forjadas, valendo cada uma o preço de cem bois. Com ela se lançava, faiscante, pela hoste dos Aqueus, incitando-os a avançar. No peito de cada um lançava no coração a força inquebrantável para guerrear e combater. Então lhes pareceu a guerra mais doce do que regressar nas côncavas naus para a amada terra pátria. Tal como o fogo violento incendeia uma enorme floresta no cume da montanha e de longe se avistam as labaredas – assim do bronze incontável daqueles que marchavam subia pelo ar o fulgor resplandecente até ao céu.³ (p. 38)

Quanto aos fantasmas patológicos desse tipo de amor, eles nos são mais que conhecidos:

1) Os apetites das *massas*, sempre prontas a anular as diferenças que possam surgir em seu seio, com resultados que vão desde as perseguições cotidianas mais insidiosas até a caça às bruxas mais impiedosa e feroz. Temos, assim, a irrupção sombria da secular segregação do diferente.

2) A burocratização ineludível da instituição do *casamento*, com seus devaneios, desvios e circunlóquios rumo à degradação e à clandestinização da vida amorosa. Apetites triangulares num par sempre calibrado demais, o que dá lugar a um direito de família como exutório dos excessos subjacentes.

3) A exclusividade incerta da *amizade*, com seu contínuo viés adolescente – portanto, “pádecível”, “adolescível” –, com sua demanda de fidelidade e lealdade, com seu correlato de traição estrutural, sempre assumida como dramático final. E, claro, sua ampliação constante a todo laço de associação civilizada.

Enfim, as necessidades da lógica do Todo delineando as patologias do amor-comunhão, pressionando rumo àqueles objetivos que *todos devem* compartilhar, a despeito da fúria e da comoção de qualquer outro desejo.

Assim, os filhos do totem, dos quais a etnologia nos aproxima com suas descrições, terminam como escravos culposos ou parceiros sofrendores de suas mais igualitárias prisões.

C. O amor-voluptuosidade

Mas falemos da pedra angular inerente a qualquer projeto. Sua problemática, sua complexidade, sua sem-razão. Em seu ponto originário, o *amor ao corpo* nos leva às reminiscências do primordial.

Acredito que as questões remissíveis ao autoerotismo, às etapas prévias ao estádio do espelho, não implicam as três dimensões do corpo, mas... apenas a terceira – o que me acostumei a chamar de *terceira dimensão prévia* às duas primeiras. Estão em jogo aí não tanto os temas do contorno ou da silhueta corporal, e sim as temáticas da pele e do tato, do peso, da densidade, da massa e do volume – e, da mesma forma, da temperatura, da calidez transmissível que esses corpos produzem.

3. N. do T.: tradução de F. Lourenço. A tradução da citação está nas pp. 146-147 de: Homero. (2013). *Iliada*. Penguin-Companhia das Letras. (Trabalho original publicado c. século VIII a.C.)

Pensar a *sensualidade* nos faz recordar, por um lado, a temática da celebração, as práticas da vertente tântrica do budismo, o tau do sexo e do amor, com sua indiferenciação contundente entre ereção, orgasmo e ejaculação; por outro lado, a religiosidade erótica na obra do Marquês de Sade ou na de Georges Bataille. São espaços em que o homem sempre busca respostas para a questão última do gozo dos corpos amados, para além das vicissitudes da dor e da piedade que o narcisismo, em seu aspecto protetor, apresenta. Ou seja, um além – procurado entre temores e trovões – de toda homeostase.

É extremamente difícil escrever um fragmento *verdadeiro* voltado a explorar a sensualidade – isto é, um poema ou conto – que não esteja atravessado por um perfume evanescente a lembrar o corpo perdido. Nosso novo tópico se degrada facilmente rumo ao comentário inicial e perde a especificidade que eu gostaria de conferir a ele, como se este terceiro modo do amor fosse alheio a um além da escrita da experiência dos corpos reais. A voluptuosidade do falante foge – talvez de maneira estrutural – dos significados com os quais seu discurso poderia ser renovado.

De qualquer forma, vou tentar mergulhar na literatura erótica, da qual, enquanto gênero específico, desconfio. Cedendo a essa tentação, não resisto a evocar dois fragmentos. Um deles é de um poema de Miguel Hernández, escrito na prisão, intitulado “Margens de seu ventre” (1958/1983):

O que exaltarei na terra que não seja algo seu?
A meu leito de ausente me lanço como a uma cruz
de solitárias luas de desejo, e exalto
as margens de seu ventre.

[...]

Ainda me estremece o choque primeiro dos dois;
quando fizemos a lua em pedaços a dentadas,
impelimos os lençóis a um abril de papoulas,
nos inspirava o mar.

[...]

Mata que atrai, penumbra de pelos quase em chamas,
dentada tenaz que sinto nas profundezas,
vertiginoso abismo que me sustenta, louco
da lúcida morte.

Túnel pelo qual às cegas me afero a suas entranhas.
Recôndito luminar recoberto de madressilva
para onde a espuma flui, arrebatada
do íntimo destino.

[...]

Me devore, delicado sulco em que avanço e me enterro.
Que a lápide a me cobrir seja seu ventre delicado,
a madeira sua carne, a abóbada seu umbigo,
a eternidade as margens.

[...]

Por você alcanço em seu centro a liberdade do astro.
Em você nos acoplamos como duas argolas,
você possuidora e eu. E assim somos corrente:
mortalmente abraçados. (pp. 445-446)

O outro fragmento integra uma pequena obra de Marguerite Duras, “O homem sentado no corredor” (1980/1983):

Ele parou diante dela, faz sombra sobre a sua forma. Através das pálpebras, ela deve perceber o assombramento da luz, a forma alta do corpo dele assomada por cima dela, em cuja sombra ela está presa. A trégua da queimação faz relaxar a boca que morde o vestido. Ele está ali. Com os olhos sempre fechados, ela afrouxa o vestido, coloca os braços ao longo do corpo na vertente das ancas, modifica o afastamento entre as pernas, envia-as na direção dele para que ele veja dela ainda mais, que ele veja dela ainda mais do que o seu sexo esquartejado na sua maior possibilidade de ser visto, que ele veja outra coisa, também, ao mesmo tempo, outra coisa dela, que dela ressalta como uma boca vomitante, visceral.
Ele espera. Ela, de olhos fechados, volta o rosto na direção da sombra e espera por sua vez. Então, por sua vez, ele o faz.
É primeiro sobre a boca que ele o faz. O jato rebenta nos lábios, nos dentes ofertados, lambuzo os olhos, os cabelos, e então vem descendo ao longo do corpo, inunda os seios, já em fluxo lento. Quando atinge o sexo, renova as forças, rebenta-se no seu calor, mistura-se ao seu gozo, espuma, e depois estanca. Os olhos da mulher se entreabrem sem olhar e se fecham de novo. Verdes.⁴ (p. 17)

Mas há outra vertente menos sensual do amor ao corpo: aquela que se deixa tomar pela perplexidade, sem descanso, mergulhando no desagrado do orgânico puro, construindo sobre este uma idealização que recubra em parte o horror diante da carne devorada pela amargura da doença, por essa hipocondria inerente à própria vida. Recordemos algumas linhas de *A montanha mágica* (1924/1983), de Thomas Mann, nas quais o protagonista, Hans Castorp, declara seu amor doentio, organísmico, de tons quase baudelairianos, seu amor de paciente imaginário, a Clawdia Chauchat. Sua confissão é uma torrente de palavras que examina entomologicamente a amada com uma lupa vertiginosa:

Pois o corpo é a doença e a volúpia, e é ele que faz a morte, sim, são carnais, esses dois, o amor e a morte, e é esse o terror, e a grande magia deles! [...] Ora, da mesma maneira, também o corpo, e o amor ao corpo, são algo indecente e desagradável, e em sua superfície o corpo enrubescce e empalidece de pavor e vergonha de si mesmo. Mas ele também é uma grande glória adorável, imagem milagrosa da

4. N. do T.: tradução de V. Nikitin. A tradução da citação está nas pp. 19-20 de: Duras, M. (2007). O homem sentado no corredor. Em M. Duras, *O homem sentado no corredor. A doença da morte* (pp. 11-37). Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1980)

vida orgânica, santa maravilha da forma e da beleza, e o amor por ele, pelo corpo humano, é, da mesma maneira, um interesse extremamente humanitário e uma força mais educativa que toda a pedagogia do mundo!... Ah, enfeitiçante beleza orgânica que não se compõe de tinta a óleo nem de pedra, mas de matéria viva e corruptível, cheia do segredo febril da vida e da podridão!⁵ (p. 67)

Esse gozo do corpo forneceu muito material de discussão para a teoria psicanalítica: na escola inglesa, propostas de uma *fusão originária* – interpenetração harmoniosa entre o bebê e o meio ambiente – teorizadas por Michael Balint, assim como diversos desenvolvimentos winnicottianos retomados na obra de Masud K. Khan; na escola francesa, derivações clínicas dos modos lógicos de *operação do objeto a*, inventado por Jacques Lacan, levaram seus discípulos a explorar a topologia da subjetividade nascente, ou seja, aqueles avatares dos quadros mais graves da infância, em que se revela mais limpidamente o organismo como matéria domesticável, de forma sempre muito imprevisível, pela palavra.

Seja como for, a clínica costuma se nutrir daqueles quadros que remetem à repressão, abordando seu registro numa aproximação mais arriscada no que diz respeito às pulsões – nos referimos, obviamente, às perversões ou à sublimação. Esses quadros nos oferecem mais dados para compreender como o falante se movimenta em seus territórios recônditos, meio sombrios, meio luminosos, com os quais o significante tece e destece seu breve futuro. Ou seja, desde a *glória* até a *miséria* da marca simbólica, operando sobre o corpo dolorido do sujeito.

Tudo isso merece ser considerado em outros contextos, mas não precisamos ir tão longe em nossa elaboração: a patologia mais corrente atrai nosso ouvido analítico com mais frequência que as impulsões pós-modernas. Já no discurso freudiano o fenômeno descritivo da impotência masculina, que no fundo remete a uma claudicação subjetiva diante do corpo do outro, desponta no seio de suas reflexões teóricas sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa. Embora pareça tratar-se de uma questão relativa a ideais e projetos – como mencionei na seção anterior –, é possível formular isso melhor dizendo que a degradação se refere essencialmente ao corpo do amor.

Inclusive, se nos aprofundássemos mais, poderíamos distinguir o fenômeno pontual e registrável do *orgasmo meramente ejaculatório* daquela satisfação pulsante que toma e retoma, mediante *um fluxo dinâmico repetitivo, todas as energias do sujeito com relação à sexualidade*, como tematizadas por Wilhelm Reich.

Adiantemos que existem relações fundamentais entre impotência e *masturbação*. O quadro daquele sujeito que pode fantasiar com uma

5. N. do T.: tradução de H. Caro e P. A. Soethe. A tradução da citação está no capítulo “Noite de Walpurgis” de: Mann, T. (2016). *A montanha mágica*. Companhia das Letras. <https://amzn.to/3YVFTFQ> (Trabalho original publicado em 1924)

mulher, mas que não consegue sustentar na realidade a demanda efetiva de gozo sexual dela (ou com ela), se complementa bem com a linha culposa traçada sobre o onanismo, com sua atmosfera de segredo e introversão angustiosa. Isso se mantém mesmo no que Jean Allouch chama de *transar com o fantasma*, que ele diferencia com sagacidade do *coito propriamente dito*. O sujeito passa da masturbação ao corpo do outro, mas este permanece como o que denomino *corpo plano*.

Volto ao que disse a princípio a respeito dessa forma de amor. O sentimento de poder sobre o corpo do outro – enquanto manipulação – evita e anula, tornando-a plana, a dimensão *terceira*, a da densidade, do volume, da carnalidade do corpo do outro. Ou seja, aquilo do real que, evocado, causaria angústia. Considero que assim se evita uma dimensão do amor que não receio chamar de ternura – e não me refiro a apaixonar-se ou a constituir um casal –, como reduto da alteridade absoluta do outro. Pequeno outro que, em seu corpo palpitante, recorda, nos fragmentos de seu gozo, as marcas que o definem enquanto sujeito do desejo.

Existem outros salvo-condutos para a angústia, mas o maior subterfúgio para o *aplanamento* dos corpos é a associação com a prostituta. Podemos diferenciar a condição social da prostituta daquilo que todo analisante denomina e qualifica como *puta*. Essa última é a condição mais fascinante e insuportável da mulher, muito ligada aos matizes de leviandade e engano – trata-se da *Dirne* freudiana –, aquela condição que, expressando-se como verdade no inconsciente, diz: “Eu gozo e, por isso..., é que me entrego”. A prostituta oferece uma imagem *plana*, manipulável, reduzida dessa última, para mero consumo prostibular do masturbador.

A chamada corrente terna, obrigatoriamente evitada pela degradação mais generalizada, é a que evoca, de maneira inevitável, a terceira dimensão que acabei de abordar, tornando a mulher não amável – algo desnecessário para haver sexo –, mas dotada de um *sinal de subjetividade*. Amar a puta no real... é o aspecto insuportável – para ambos os sexos – do ato sexual.

Ou seja, sentir a vibração voluptuosa de um corpo é a *dor do ato sexual*, enquanto o parceiro desprende *indícios de desejo*. O amor faz signo de um real cru através do corpo do outro. Signo do real do sujeito que é um rastro inesquecível, matéria do horror para aquele que sorve sua angústia entre os lençóis.

D. O amor-infinito

Vamos agora mais adiante. Trata-se do tema do *dom do amor*, do fim da presunção narcisista, do encontro de uma dissolução refundante da subjetividade. Só o amor em sua consumação permite ao gozo pulsional transformar-se num desejo que se guie segundo os caminhos da lei, moderada e sexuadamente – num intercâmbio socializado – ou dolorosamente, em meio aos percalços de suas reivindicações. Inumeráveis relatos apresentam esse milagre, no qual um amor além da impostura egoísta converte um gozo canalha na lei sagrada de um desejo personalizado.

Quando pensamos na falta que o Nome-do-Pai instaura, nos referimos a sua simbolização mais radical. Trata-se, então, do tema do dom (paternizado) do amor. Longe de todo narcisismo, a fórmula que o define é a que diz: “Dar o que não se tem a quem não é”. Assim se corta em ato a servidão imaginária e se instaura a falta como operação castradora. Observo que essas frases podem ser pensadas a partir da região onde o objeto *a* opera como ausente, mas não como resto de uma alienação constituinte, e sim como *causa de uma separação* em que se fracassa para melhor relançar o desejo.

O dom do amor presente no real funda um ponto exterior à lei em que, mais além do narcisismo, é possível sustentá-la. A dissolução (*Untergang*) do narcisismo especular, sua consumação-consumição, é a definição de seu percurso, em que também se apresenta um além da

repressão. O trânsito do gozo ao desejo é essencial para entender sua operação, que, como vazio fundante, dá sustentação inclusive às leis de toda transmissão e permite compreender todas as suas falências e impossibilidades. E todas as dores nas heranças malsucedidas de cada paternidade.

Em *Assim falou Zaratustra* (1883-1885/1993) – tão difícil de classificar no quesito literário – Friedrich Nietzsche evoca, na extensa confissão de amor do protagonista, essa dimensão do amor do pai e sua imbricação com a morte. Quando Nietzsche fala da morte do criador, não se refere de modo algum a um desejo de morte *do pai* – genitivo objetivo –, que residiria, ao modo freudiano do assassinato, na alma do filho. Da mesma forma, não está pensando na aceitação da finitude do pai pelo filho, nem na assunção da própria morte que o pai deve elaborar – passo teórico que encontro no pensamento de Jacques Lacan. Antes, Nietzsche está pensando num desejo de morte *do pai* – genitivo subjetivo – cujo protagonista é o próprio pai. Assim, parafraseando Nietzsche, esse desejo implica o que chamo aqui de *vontade de ocaso*.

Como essa temática aparece no discurso nietzschiano? Ele diz – vou apenas parafrasear esse extenso texto – que Zaratustra ama os homens que querem justificar os homens do futuro, redimir os do passado, e perecer por causa dos do presente. Zaratustra ama aquelas almas que, de tão repletas, transbordam. Essas almas são tão vastas que podem correr, extraviar-se e ir mais longe dentro de si mesmas. Por prazer, elas se precipitam no acaso. Submersas no devir, anseiam lançar-se no querer, fugindo de si mesmas e alcançando-se a si mesmas no círculo mais amplo. Só as mais sábias são mais docemente convidadas pela loucura.

Zaratustra diz: “Morre no tempo certo!” (p. 31). Ele mostra a *morte benfazeja*, que é “agulhão e promessa” para os que vivem. Quem se realiza por completo morre vitorioso, rodeado de pessoas que esperam e prometem. Assim, seria preciso aprender a morrer. E quando será preciso querer esse morrer? Zaratustra responde: “Quem tem uma meta e um herdeiro, quer a morte no tempo certo para a meta e o herdeiro”⁶ (p. 33). Por respeito a eles, não se deve pendurar “coroas ressequidas” no santuário da vida. Zaratustra pede que a morte não seja uma blasfêmia contra os homens e contra a terra. Que o mel da alma dos homens siga brilhando mesmo na agonia, para que assim resplandeça seu espírito e sua virtude – como a chama crepuscular em torno da terra.

Do contrário, sua morte terá fracassado.

E aí está, em meio a sua obra, dirigindo-se a seus filhos e retornando dentre eles: por amor a seus filhos precisa consumir-se a si mesmo. Pois o amor radical é o amor ao próprio filho e à própria obra, e onde há um grande amor a si mesmo, há sempre sinais de fecundação. Ser a

6. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A tradução das citações está nas pp. 69-70 de: Nietzsche, F. (2011). *Assim falou Zaratustra*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1883-1885)

“presa” de seus filhos e de sua obra para assim se perder neles. Somente do próprio filho se está prenhe, só ele é a criação.

Aí se trata de amar e declinar no ocaso para que a imagem de si não fique reduzida a imagem. Amar e declinar no ocaso: duas coisas que andam juntas desde a eternidade. Pois é vontade de amor estar disposto, de bom grado, até a morrer. Porque isto é para ele o conhecimento: tudo o que é profundo deve se elevar até sua altura, para depois descender e ser ofertado. O silêncio sem voz lhe diz: “Que importas tu, Zaratustra? Fala tuas palavras e faz-te em pedaços!”⁷ (p. 37).

Isso foi o que aprendeu com o sol, quando ele, extremamente rico, declina no ocaso, “derrama[ndo] ouro sobre o mar, de sua inesgotável riqueza”, e “até o mais pobre dos pescadores rema com remo de ouro” (p. 38). Isso é o que viu em outro tempo e “não se cansou de olhar enquanto olhava” (p. 38). Como o sol, Zaratustra quer declinar, pois diz: “Que importa a felicidade! Há muito tempo não viso a minha felicidade, viso a minha obra” (p. 42). Ele esbanja as coisas que lhe dão, pois tem mil mãos para esbanjar. No mar dos homens, ele lança sua áurea vara de pesca e diz: “Abre-te, ó abismo dos homens”⁸ (p. 42).

Ele é isto, desde o princípio e desde a origem, uma força que puxa e atrai, que ergue e levanta, um puxador, preceptor e tratador, que não em vão disse a si mesmo em outro tempo: “Torna-te o que és!”⁹ (p. 45).

Agora então os homens subirão até ele, no momento em que os sinais anunciam seu ocaso. Aí declina, como deve fazer, entre os homens.

Por fim, Zaratustra falou suas palavras e por elas ficou em pedaços – assim requer seu destino eterno. Zaratustra sucumbe como anunciador.

Mas se a falta se abre para o sujeito no compasso dessa dissolução, um último passo teórico deve ser dado: no horizonte, *um deus amoroso, de traços suavizados, quase femininos*, aparece, e como uma estrela, se eleva renovado, porque assumiu sua própria falta-em-ser. O rosto feminino do pai é o que implica sua morte por sepultamento-dissolução (*Untergang*) e abre para a criação de uma luminosidade nova a cada dia – como a de cada novo sujeito do amor.

Essa outra linha – que gira e se abre envolvendo a anterior – se intui no que diz Spinoza na *Ética* (1677/1975):

[Este amor] é o próprio amor de Deus, com o qual ele ama a si mesmo, não enquanto é infinito, mas enquanto pode ser explicado por meio da essência da mente humana, considerada sob a perspectiva da eternidade; isto é, o amor intelectual da mente para com Deus é uma parte do amor infinito com que Deus ama a si mesmo. [...]

Disso se segue que Deus, à medida que ama a si mesmo, ama os homens e, conseqüentemente, que o amor de Deus para com os homens e o amor intelectual da mente para com Deus são uma só e mesma coisa.¹⁰ (p. 68)

A última frase é a mais iluminadora. Aqui deveríamos mergulhar nos sermões do poeta inglês – chamado de metafísico – John Donne ou nos do Mestre Eckhart, confrontando-os com os de São João da Cruz e Santa Teresa.

7. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A tradução da citação está na p. 139 de: Nietzsche, F. (2011). *Assim falou Zaratustra*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1883-1885)

8. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A tradução das citações está nas pp. 189 e 225-226 de: Nietzsche, F. (2011). *Assim falou Zaratustra*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1883-1885)

9. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A tradução da citação está na p. 226 de: Nietzsche, F. (2011). *Assim falou Zaratustra*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1883-1885)

10. N. do T.: tradução de T. Tadeu. A tradução da citação está na parte 5, proposição 36 de: Spinoza, B. (2009). *Ética*. Autêntica. <https://amzn.to/3Io8DRH> (Trabalho original publicado em 1677)

Pois já cheguei ao limite extático de um amor ao infinito, ávido de porvir. Será ele spinoziano ou nietzschiano? Intelectual e divino ou embriagado e sensual? Brotará da angústia são-joanina ou da aridez eckhartiana? Qual será o gênero da dor que, em sua agonia, alimenta todas as criações? Acredito que essas perguntas ainda não foram respondidas.

Resumo

O autor articula diversos tópicos relativos às dimensões do amor e da dor. Do amor pela ausência ao amor projetado no porvir; do amor que se destece na voluptuosidade do corpo – e inclusive em sua degradação – ao amor místico, que bem poucos filósofos intuíram.

Palavras-chave: *Amor, Dor, Misticismo*. **Candidata a palavra-chave:** *Voluptuosidade*.

Abstract

Various topics related to the dimensions of love and pain are articulated. From love for absence to love projected into the future; from the love that is unravels into the voluptuousness of the body – and even its degradation – to mystical love, which very few philosophers intuited

Keywords: *Love, Pain, Mysticism*. **Candidate to keyword:** *Voluptuousness*.

Referências

- Anvar, C. (comp.). (1981). *Poesía de trovadores, trovères y Minnesinger, desde principios del siglo XII hasta fines del siglo XIII*. Alianza.
- Duras, M. (1983). El hombre sentado en el pasillo. Em M. Duras, *El hombre sentado en el pasillo. El mal de la muerte*. Tusquets. (Trabalho original publicado em 1980)
- Hernández, M. (1983). Orillas de tu vientre. Em M. Hernández, *Obra poética completa* (pp. 445-446). Alianza. (Trabalho original publicado em 1958)
- Homero. (2005). *Iliada* (E. Crespo Güemes, trad.). Planeta D'Agostini. (Trabalho original publicado c. século VIII a.C.)
- Mann, T. (1983). *La montaña mágica*. Debolsillo. (Trabalho original publicado em 1924)
- Nietzsche, F. (1993). *Así habló Zaratustra*. Alianza. (Trabalho original publicado em 1883-1885)
- Spinoza, B. (1975). *Ética, demostrada según un orden geométrico*. Nacional. (Trabalho original publicado em 1677)

Recebido: 10/10/2022 – Aprovado: 29/11/2022

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte